

ENTREVISTA

IDEOLOGIA E TEORIA CRÍTICA: ENTREVISTA COM O FILÓSOFO ALEMÃO CHRISTOPH TÜRCKE

Por Wécio Pinheiro Araújo¹

<https://orcid.org/0000-0003-2874-3052>

“A ideologia continua importante”, diz o Prof. Christoph Türcke, que nesta conversa justifica porque define ideologia de modo estético como “embelezamento”, e como relaciona a questão com a tecnologia na era digital. Ele também falou sobre o fascismo, o neoliberalismo, a indústria cultural, o mundo administrado, o pensamento de Theodor Adorno, do Guy Debord, do Peter Sloterdijk e do Slavoj Žižek.

É com imensa satisfação que venho compartilhar uma parte das entrevistas que realizei em meados de julho a agosto de 2017, com o filósofo alemão Christoph Türcke, durante meu estágio doutoral sob a sua orientação². Fizemos duas seções: um primeiro contato mais formal, por e-mail, do qual decorre a maioria das perguntas aqui publicadas; e um outro momento em sua residência localizada na cidade de Leipzig, onde generosamente o Prof. Türcke me recebeu no dia 29 de agosto, data do meu aniversário, ocasião na qual fui alegremente surpreendido com suas felicitações acompanhadas de um acolhedor café vespertino preparado na mesa do seu jardim, naquela tarde de verão.

Obviamente, guardo algumas horas de entrevista para uma outra futura publicação. No entanto, selecionei para este momento que o leitor tem em mãos, um pouco das nossas conversas sobre a questão da ideologia no pensamento social contemporâneo, além de tratar outros temas atinentes,

¹ Professor adjunto e pesquisador na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Filosofia pelo Programa de Doutorado Integrado UFPE/UFPB/UFRN e HGB/Leipzig (Alemanha). Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Teoria Social (NÓS/CNPq). e-mail: wecio.araujo@academico.ufpb.br

² Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade de realizar estágio doutoral em Leipzig (Alemanha) durante o ano de 2017, mediante bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE); sem a qual não seria possível produzir essa entrevista.

sobretudo no que tange ao debate da Teoria Crítica e do seu papel na sociedade capitalista contemporânea.

Nascido em 1948, TÜRCKE é um dos principais representantes da Teoria Crítica no século XXI, herdeiro da tradição inaugurada por Walter Benjamin, Theodor Adorno e Max Horkheimer, que ficou conhecida como a Escola de Frankfurt. Defendeu sua tese de doutorado em filosofia sobre a crítica da ideologia, e mesmo depois da sua aposentadoria em 2014, segue desenvolvendo atividades acadêmicas como professor emérito de filosofia na Escola de Belas Artes de Leipzig (Hochschule für Grafik und Buchkunst - HGB). Sua obra está situada no arco teórico das tradições da Teoria Crítica, do marxismo e da psicanálise freudiana. Seus campos de trabalho abarcam a crítica da teologia, da violência, dos tabus, a questão da indústria cultural e da sociedade do espetáculo, bem como a análise do significado dos rituais das causas sociais e antropológicas de sintomas socioculturais como o fundamentalismo e a hiperatividade. Nos últimos anos tem publicado uma série de obras que compõem uma contribuição de grande relevância para a atualização da Teoria Crítica, tais como: *Sociedade excitada: filosofia da sensação* (2010; 2014), *Filosofia do sonho* (2010) e, mais recentemente, *Mehr! Philosophie des Geldes* [“Filosofia do Dinheiro” – ainda sem tradução no Brasil] (2015), e também o título *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção* (2016).

Wécio Araújo: Faz sentido falar em ideologia nos dias de hoje? Por quê?

Christoph TÜRCKE: Enquanto a sociedade continua sendo impelida por forças compulsórias de expansão e crescimento econômico, o conceito da ideologia – no sentido estrito da “consciência falsa”, não apenas no sentido vago da “visão política de mundo” – continua importante. Todavia, seu campo é o discurso democrático. Hoje em dia, até os estados autoritários se adornam com atributos democráticos, e o discurso político geral gira em torno das conquistas, do progresso e dos limites da democracia. No entanto, a corrente dominante deste discurso não leva em conta que a democracia não apenas se mostra como forma estatal, mas também como forma para administrar o conjunto social capitalista. Quem ignora este fato, vai chegar a certas convicções semiverdadeiras que são típicas da ideologia, por exemplo, que na democracia todos os cidadãos têm a livre escolha de parceiros, profissões, partidos políticos; que eles se encontram no pleno gozo dos direitos humanos etc. Aqui é importante destacar que “consciência falsa” não pode significar “totalmente errado” ou “totalmente falso”. Dispomos, sim, de liberdades preciosas na democracia. Alcançamos, sim, um grau bem considerável de direitos humanos. Não quero trocar a forma democrática do capitalismo com aquele capitalismo ditatorial que vemos na China. Não obstante, os direitos humanos continuam figurando mais como promessa do que como realidade. E a confusão entre promessa e realidade: eis o “falso” na ideologia. Veja, por exemplo, como esta confusão se incorporou no uso dos aparelhos microeletrônicos. O proprietário de um smartphone considera-se o senhor de um universo de

informações. E, de fato, ele dispõe de bilhares de dados. Por isso, a ocupação permanente com o smartphone proporciona-lhe uma satisfação narcisista. Mas a suposta senhoria é muito mais promessa e aparência do que realidade. O usuário do smartphone é muito mais um apêndice da maquinaria do que seu senhor.

W.A.: Segundo Slavoj Žižek, Marx, em *O Capital*, traz uma definição de ideologia, a saber: “Sie wissen das nicht, aber sie tun es” – em livre tradução: “Eles não sabem o que fazem”. O senhor acha que essa definição ainda é válida nos tempos de hoje? Ou seria necessário atualizá-la?

C.T.: Nesta frase Marx não define a ideologia, mas dá sua vista da troca arcaica, supondo que de saída os homens, quando chegaram a trocar, igualizaram “instintivamente” as quantias de trabalho contidas nos produtos trocados, mesmo que os trocadores não tenham se dado conta disso. Tal “instintivismo” é problemático e não contribui para aprofundar o conceito da ideologia.

W.A.: Em um dos seus textos, o senhor afirma que “De certo modo, a ideologia é ‘falsa consciência’, mas nunca exclusivamente. É uma espécie de maquiagem mental. Afinal, a ideologia nunca poderia se tornar popular se não parecesse a muitos ser verdade”. O que significa entender a ideologia dessa maneira?

C.T.: É um acesso estético-psicológico à ideologia sem abrir mão da sua dimensão política. Diz respeito a pensamentos atrativos, “bonitos”, que se tornam ideologia. Ideologia sempre tem implicações de suborno, de sedução. Ela dá uma certa recompensa para aceitarmos a realidade. Neste sentido a ideologia “embeleza” a realidade, figurando como maquiagem mental.

W.A.: Na segunda metade do século passado, Adorno escreveu que “A ideologia não é mais o véu [...] porque a realidade, na falta de qualquer outra ideologia mais convincente, torna-se a ideologia de si mesma...”. Ou seja, a ideologia abandona a lógica argumentativa como seu fundamento, que servia para justificar a realidade capitalista. Assim, por meio de uma operação fetichista envolvendo a forma mercadoria, a realidade se tornou ideologia, e a ideologia se tornou a própria realidade. Como o senhor enxerga essa elaboração adorniana? Ela é suficiente?

C.T.: Adorno tem duas referências nesta colocação: primeiro, o fascismo, cujas obsessões sobre a raça branca ameaçada e sua defesa necessária lhe pareciam mais paranoicas do que teóricas; em segundo lugar, o “mundo administrado”, aquele positivismo dos fatos que não mais faz questão de justificá-los teoricamente, mas sugere aceitá-los por sua mera predominância. Ora, aqui acho Adorno um pouco precipitado. Uma realidade bruta, sem embalagem linguística, sem comentários

permanentes de si mesma, não há. Até o positivismo mais chato não se impõe sem sugestão contínua, sem reiterar “não há alternativa, é necessário assim”. Nem o fascismo deixou nem o mundo administrado deixa de subornar o público com certas recompensas ou embelezamentos. Ao falar em ideologia, Adorno pensa em seu nível mais alto, nas teorias da época liberalista, a partir de Adam Smith até Hegel, e em comparação com elas as manifestações ideológicas contemporâneas lhe pareciam tão decadentes que não mais quis reconhece-las como ideologia. Mas “a realidade como ideologia de si mesma” é uma redução indevida. Veja o neoliberalismo, ao qual Adorno nem viveu nem previu. Não é a toa que as alterações fundamentais que o neoliberalismo comporta, estão acompanhadas por justificações amplas ao nível da teoria política e econômica. Ele não se impõe por si mesmo como realidade bruta. Concebo que na época da indústria cultural os limites entre ideologia e mera propaganda se dissolvem. Mas aí vale lembrar que até a ideologia “alta” tem um momento sugestivo-propagandista, enquanto a ideologia “baixa” não perde totalmente as implicações teóricas. A propaganda se tornou cada vez mais inteligente e artística. Mais um motivo para definir ideologia de modo estético, isto é, como embelezamento.

W.A.: Peter Sloterdijk afirma que o indivíduo contemporâneo é o sujeito cínico, isto é, ele tem consciência da mistificação entre a maquiagem ideológica e a realidade social, mesmo assim continua a preferir a maquiagem. Como diz Žižek, a fórmula proposta por Sloterdijk seria o contrário de Marx: “eles sabem muito bem o que fazem, mesmo assim o fazem”. O senhor acha que a forma contemporânea da ideologia é o cinismo, assim como afirma Peter Sloterdijk? Por quê?

C.T.: Sem dúvida há bastante cínicos que têm familiaridade profunda com os mecanismos básicos da sociedade e, ainda assim ou por causa disso, os afirmam. Mas em escala mundial, os cínicos não passam de uma minoria fina de intelectuais e poderosos que ou tiram proveito daí ou chegaram a uma postura resignada, dizendo que não faz sentido se debater contra a conjuntura mundial, conforme o provérbio latino: “Acta volentes ducunt, nolentes trahunt.” Não raras vezes, cínicos são antigos críticos cujo impulso crítico se esgotou. Mas a maioria não consiste em cínicos. Veja os usuários dos smartphones. Todos cínicos? Pelo contrário. Muita gente ingênua que crê nas promessas da aparelhagem microeletrônica e não percebe o quanto essas pessoas se tornaram apêndice da máquina. Na crença deles, a antiga forma da ideologia continua.

W.A.: No seu livro *Sociedade Excitada*, a proposta de uma filosofia da sensação é uma tentativa de atualizar a teoria da ideologia, sobretudo a partir da tradição fundada pela Escola de Frankfurt, mais especificamente a partir de Adorno e Horkheimer?

C.T.: Ideologia não é o meu conceito central. Contorno-o um pouco, pois no uso público ele está demasiadamente saturado. Mas em debates sobre ele defendo-o, até como “consciência falsa”. E, se for necessário, posso exprimir alguns dos meus pontos de vista em termos da ideologia. Por exemplo, se a sensação se tornou uma forma da percepção, como afirmo, a ideologia ganhou uma dimensão física nesta forma. Se a aparelhagem microeletrônica causa um vício, este vício é um fenômeno ideológico. Cabe sublinhar as formas cada vez mais sensuais e fisiológicas, que a ideologia está assumindo hoje em dia. Mas a consequência não é que a ideologia se tornou “a realidade” e não mais atua como “véu” ou, como eu diria, como maquiagem.

W.A.: Há grandes similitudes e diferenças entre a sua obra *Sociedade Excitada (Filosofia da Sensação)* e a *Sociedade do Espetáculo*, do Guy Debord; porém, quais seriam as principais diferenças no que tange ao conceito de ideologia?

C.T.: O mérito do Debord é a invenção do conceito da sociedade do espetáculo. No fundo ele se movimenta nos trilhos da crítica da indústria cultural ao destacar a maneira espetacular de a mídia encenar o culto da mercadoria. No espetáculo capitalista ele vê a práxis mais avançada da ideologia. Com isso concordo plenamente. Mas além desta diagnose geral ele não tem muito interesse teórico. Seu projeto foi o contraponto desse espetáculo, o “anti-espetáculo”, ou seja, a ação situacionista. Meu livro começa onde o seu termina. Eles estão um a outro como esboço e elaboração.

Referências

TÜRCKE, Christoph. *Erregte Gesellschaft: Philosophie der Sensation*. Verlag C.H. Beck, München, 2010.

_____. *Filosofia do sonho*. 1ª. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

_____. *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. *Philosophie des Geldes*. München: C. H. Beck, 2015.

_____. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2014.